



**TRANSPORTS. MELANGES OFFERTS A JOËL THOMAS (TEXTES REUNIS PAR MIREILLE COURRENT, GHISLAINE JAY-ROBERT & THIERRY ELOI). PERPIGNAN : PRESSES DE L'UNIVERSITE DE PERPIGNAN, 2012, 575 p. (ISBN: 978-2-35412-169-3)**

*Transports. Mélanges offerts à Joël Thomas* é um impressionante volume que integra um conjunto de artigos de grande interesse para os Estudos sobre o Imaginário. Tratando-se, em primeira instância, de uma homenagem a um investigador incontornável neste e noutros domínios, o livro revela-se também um útil ponto de situação sobre o progresso de pesquisas em curso que versam ou que se cruzam com os temas de eleição de Joël Thomas, como os Estudos Clássicos, os Mitos e, especialmente, o Imaginário, entendido este na sua dimensão de redes de significados. A obra integra quarenta contribuições, reunindo investigadores de diferentes perfis e nacionalidades, sendo de destacar a presença de quatro artigos de autores portugueses.

O livro *Transports* apresenta-se, significativamente, dividido em sete partes, sendo a primeira composta por testemunhos de índole mais emotiva sobre o homenageado e pela extensa lista da sua obra bibliográfica. Os testemunhos, heterogéneos e complementares, dão a conhecer as grandes linhas do trabalho desenvolvido por Joël Thomas e o diálogo estabelecido com os seus pares (Jean-Pierre Landry, Claude Combes, Jean-Pierre Sironneau), sem esquecer a sua presença no percurso de discípulos (Ghislaine Jay-Robert) e as tocantes palavras do seu nonagenário mestre, Gilbert Durand, que não deixa de interpelar e de refletir sobre o que é o Imaginário, ligando-o aos reflexos humanos e a qualidades básicas que podem assumir diferentes aspetos. De entre este conjunto de artigos, o contributo de Claude Combes merece ser destacado pelos elos que estabelece com as teorias mais recentes sobre o Imaginário, no que ao seu cruzamento com a ciência moderna se refere. O autor reflete sobre o diálogo entre áreas diferentes, praticado, tanto por si próprio, como pelo homenageado, estabelecendo pontes entre mitos e cérebro / genética, entre as *mirabilia* do real e do imaginário (p.28).

As restantes seis partes abordam o tema «transportes» sob várias perspetivas, sendo privilegiados assuntos associáveis a duas grandes linhas de pesquisa privilegiadas por Joël Thomas e apontadas por Jean-Pierre Sironneau (p.31): por um lado, os estudos sobre a imagem, o símbolo e o mito e, por outro lado, o imaginário da peregrinação e da viagem. A II parte, intitulada «De quelques moyens de transports», integra vários artigos sobre os mitos, a literatura e o imaginário greco-latinos e da Idade Média. Tal é o caso da contribuição de Alain Deremetz sobre romances antigos que exploram o tema da viagem longínqua, especialmente quando esta é duplicada por catábases iniciáticas ou por metamorfoses; do estudo de Louis Callebat sobre os animais de transporte presentes nas *Metamorfoses* de Apuleio; da exploração de uma leitura alegórica do voo de Ícaro, em Boécio, por Paul-Augustin Deproost, que sublinha os ecos neoplatónicos sobre a ascensão da alma existentes neste poema de um autor dos primeiros tempos do cristianismo. Um pouco mais pessoal é o artigo de Aires A. Nascimento que, depois de refletir sobre a pesquisa de livros e as múltiplas



possibilidades e dimensões de viagens oferecidas pela sua leitura, comenta o seu próprio percurso no estudo de alguns textos que resgatou (o *Comentário às Bucólicas de Virgílio* feito por Nicolau Trivet, a *Navigatio Brendani*, o *De correctione rusticorum*, a *Vita Sancti Fructuosi*). Outros artigos revelam-se bastante particulares, caso das reflexões de Jonathan Pollock sobre afetos e experiências literárias e artísticas, que amplia a linha da análise literária a outras artes; ou ainda do curioso e inesperado artigo de Philippe Dubreuil sobre as origens da logística. Finalmente, o diálogo com outras áreas é representado por três artigos. Philippe Mudry apresenta um informativo estudo sobre como a sexualidade era entendida pelos médicos da Antiguidade (benefícios e perigos para a saúde, proibições, calendarizações). Olivier Rimbault apresenta a notícia do achado arqueológico de algumas lâminas de chumbo, relatando as pesquisas desenvolvidas com vista à sua decifração e sublinhando como a consideração de algumas tradições indígenas foram determinantes para a formação de uma hipótese relativamente ao conteúdo das inscrições aí existentes e que poderão ter um conteúdo mágico-religioso. Claude-Gilbert Dubois apresenta um interessante estudo sobre o que designa como a função «mito-lógica» (p.184) de algumas festas e folias. O autor considera várias festividades e algumas lendas da Antiguidade, sublinhando o seu caráter de rotura relativamente ao quotidiano, a sua relação com um ser ou um facto mítico, as funções que podem desempenhar (purificação, despersonalização, fusão e sua proximidade relativamente à alienação), sem esquecer a sua pertinência social enquanto meio de socialização de pulsões e de regulação do irracional.

A segunda parte da obra, intitulada «Transports dans l'espace» é composta por sete artigos onde voltam a predominar os Estudos Clássicos. Anne-Claire Soussan analisa as simetrias das viagens paralelas de Jasão e de Friso no quadro de algumas considerações sobre as estratégias retóricas e o uso que Apolónio de Rodes faz do mito. Inês de Ornellas e Castro reflete sobre o modo como a civilização romana antiga entendeu o gosto e a gastronomia, salientando o caráter religioso de algumas aversões e a oposição entre frugalidade e excesso e a respetiva crítica em textos satíricos. Abel N. Pena reflete sobre os vários tipos de viagem representados no romance grego antigo, desde os rituais de preparação, até às suas funções e motivos, passando pelos medos, superstições e perigos que poderiam assolar os viajantes. Uma vertente lexical está representada por Lucienne Deschamps, que analisa o uso do substantivo latino *iter* (caminho, passagem) em Varrão, valorizando o estudo do vocabulário como forma de aproximação ao pensamento e ao imaginário de um autor. Já Lucien Sigayret faz uma abordagem histórica das vicissitudes da vida da última imperadora cristã, no final do Império Romano, Gala Placidia. Finalmente, o primeiro e o último artigos deste bloco incidem sobre temas mais recentes: Arlette Chemain debruça-se sobre a presença do imaginário Norte / Sul e da viagem nas letras francófonas; e Isabelle Zhu-Combes estuda o tema dos transportes, o nascimento de novas formas de fronteiras e o confronto cultural na obra *Un tour en Belgique* de Théophile Gautier.

«Transports dans le temps» é o título da IV parte desta obra, sendo aqui reunidos artigos que versam temas de longa duração e suas eventuais metamorfoses, bem como diálogos entre épocas distintas. O primeiro contributo é de Jean-Bruno Renard, que rastreia o modo como a Fama tem sido representada, desde as



personificações / divinizações da Antiguidade até às alegorias modernas e contemporâneas. Segue-se um estudo de Philippe Walter que reflete sobre algumas representações existentes na obra *Érec et Enide*, de Chrétien de Troyes, e faz remontar a sua origem à obra de Macróbio no que às Artes Liberais e, em particular, à Astronomia se refere. Mireille Armisen-Marchetti, por seu turno, centra-se num diálogo a maior distância, analisando a prática de tradução de Victor Hugo, quando adolescente, sobre as *Geórgicas*, de Virgílio. Os dois últimos artigos desta parte debruçam-se sobre a obra de Petrónio: Jean-Marie Seillan reflete sobre a leitura deste autor no século XIX e, especialmente, por J.-K. Huysmans; enquanto que Thierry Éloi comenta a reelaboração fílmica que Fellini fez do *Satiricon*.

Para além do tempo e do espaço é onde se situa a V Parte do livro, intitulada «Transports vers l'autre monde», constituída por quatro estudos sobre o imaginário do Além e da Passagem. Mireille Courrént estuda o episódio da salvação de Ulisses graças ao véu de Ino. Esta deusa marítima é relacionada com Siduri, da *Epopéia de Gilgamesh*, duas deusas associadas à morte e à iniciação, e que auxiliam os heróis nas passagens entre mundos. Emma Artigala, por seu turno, analisa as figuras da presença e da ausência existentes no episódio do encontro entre Dido e Eneias. Frédéric Dewez também se debruça sobre a *Eneida*, mas para identificar os elementos-chave da catábase existente nesta obra. Finalmente, Georges Bertin reflete sobre o Outro Mundo de Avalon, para onde o rei Artur é levado.

Continuando na linha das dimensões «outras», a VI parte é dedicada a «Transports et inspiration créatrice». O bloco começa com um artigo incontornável de Jean-Jacques Wunenburger que, neste ensaio, após recordar alguns filósofos de várias épocas (que subverteram ou romperam com epistemologias anteriores, mais rígidas) e percursos dos Estudos sobre o Imaginário (como Bachelard e G. Durand), sublinha a importância da imaginação simbólica / do pensamento figurativo para a atividade intelectual. O autor opõe o pensamento científico (parcelar) à intuição das totalidades (que não é, nem abstração pura, nem imaginação desenfreada), e advoga o retorno a uma verdadeira cultura simbólica, tendo em consideração a necessidade de «dar sentido» para se poder conhecer o mundo. Segue-se um contributo de Alain Verjat, que questiona o fenómeno poético e literário e reflete sobre noções como a criatividade, os mundos imaginários e a capacidade criadora da obra literária. Igualmente na linha da questionação da poesia e do génio, temos o artigo de Philippe Heuzé, que se debruça sobre Virgílio, tanto de um ponto de vista mais geral, como pela análise de trechos muito particulares. Jean-Yves Laurichesse, por seu turno, questiona a pertinência de algumas categorias genéricas perante obras especialmente inovadoras, tomando como exemplo a obra *Jean le Bleu* (1932), de Giono.

A VII parte, «Transports et confrontations», também tem um início significativo para os Estudos sobre o Imaginário, graças ao artigo de Helder Godinho que se debruça sobre o poder narrativo e a fertilidade das imagens. O autor sublinha o fundo biológico e filogenético do imaginário e, conseqüentemente, do conhecimento do mundo uma vez que o cérebro funciona por imagens e que estas são núcleos narrativos e simbólicos que governam a percepção que cada ser humano tem de si próprio e do que o rodeia. Em consequência, defende a base ficcional de todas as



teorias, incluindo as científicas, enquanto emanações do poder narrativo do cérebro. Alguns exemplos são ainda aduzidos para sublinhar como imagem, conceito e sentimentos constituem níveis diferentes e complementares de significação. No segundo artigo desta parte, de Paul Carmignani, reflete-se sobre a complexidade e diversidade das imagens que se projetam sobre a Antiguidade greco-latina, o Mediterrâneo e o Novo Mundo americano, bem como sobre os mitos e ficções que lhes estão subjacentes. Bastante interessante é ainda o contributo de Frédéric Monneyron sobre o imaginário das nações e das origens dos povos, acentuando o seu dinamismo, solidez e adaptabilidade, o que permitiu o perdurar das suas estruturas de base e a sua integração nos discursos racionais e seculares das nações modernas. O autor refere a recorrência de constelações míticas de carácter fundacional em textos constitucionais e no imaginário político e nacional relacionado com a revolução francesa e com a formação dos Estados Unidos. Jean-Michel Hoerner, por seu turno, apresenta-nos um provocante artigo onde procura identificar a «classe média superior» enquanto classe modelo, hedonista e acima de conflitos. Os temas da Segunda Guerra Mundial, do Holocausto e do trauma são o objeto do contributo de Léonard Rosmarin que analisa a obra *Le Cas Sonderberg*, de Élie Wiesel, enquanto expressão de conflito e de vontade de viver. O último artigo deste volume, de Hyacinthe Carrera, consiste num estudo comparativo entre dois autores, um suíço e outro catalão (Charles Ferdinand Ramuz e Jordi Pere Cerdà). Apesar de bastante diferentes, estes dois autores convergem nos seus esforços para elevar a língua e a cultura populares a um nível erudito.

*Transports* revela-se assim como um volume poliédrico pela heterogeneidade dos contributos que reúne. Sendo o volume organizado em torno de um tema comum, a sua composição é complexa, à imagem das «redes de sentido» propostas pelo homenageado, Joël Thomas, que constitui o mais importante elemento agregador da obra que aqui nos ocupa. Tal como são díspares as amizades e os laços que unem os seres humanos, assim são diversificados os contributos e os pontos de vista que compõem esta homenagem. Dadas estas características, cada leitor poderá aqui encontrar diferentes motivos de interesse, com especial destaque para os campos dos Estudos Clássicos, do Mito e dos Estudos sobre o Imaginário. No caso específico desta última área, importa salientar a presença, nesta obra, de artigos elaborados por alguns dos investigadores mais conceituados dos Estudos sobre o Imaginário e que aqui partilham algumas das suas ideias sobre as bases epistemológicas, o alcance e a profundidade desta área de estudos ainda bastante inexplorada.

**Isabel de Barros Dias**

Universidade Aberta | CEIL